



Implicações e princípios para a missão urbana

Klever Gonçalves

pastor.adventistas.org/pt



Implicações e princípios para a missão urbana

“Como, pois, invocarão Aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar?” (Rm 10:14).

A MUDANÇA cultural a partir do território familiar da modernidade para a terra desconhecida da pós-modernidade tem sérias implicações misiológicas para a igreja urbana. Estratégias e métodos que têm sido eficazes em alcançar pessoas com o evangelho sob a visão de mundo moderno podem não ser tão eficazes para atingir indivíduos orientados pela condição pós-moderna. As questões de hoje são: Como é que vamos comunicar a verdade do evangelho a pessoas que rejeitam o conceito de verdade absoluta? Como podemos dialogar com pessoas espirituais que são contra as organizações religiosas? Quais são alguns dos conceitos pós-modernos básicos que poderiam ser usados como pontes para alcançar a mente pós-moderna no contexto urbano? Até hoje, a missiologia urbana mal tem abordado tais questões.

O objetivo deste capítulo não é apresentar um modelo, mas sim proporcionar uma discussão sobre algumas das implicações mais importantes da pós-modernidade para a missão urbana e sugerir princípios selecionados que podem ser aplicáveis à missão urbana para alcançar os pós-modernos.

Implicações pós-modernas para a missão urbana

De fato, a condição pós-moderna tem implicações críticas para missiologia, em especial no contexto urbano. A igreja urbana enfrenta agora o desafio de aceitar os benefícios do declínio da visão de mundo moderno, sem cair nas armadilhas da condição pós-moderna. Dentre as implicações mais urgentes que a igreja urbana enfrenta na condição pós-moderna, podemos destacar: a mudança epistemológica e a experiência; a mudança econômica e o consumismo; a mudança temporal até o presente; mudança de comunicação para o ciberespaço; e a mudança espacial para a glocal.

Da mudança epistemológica à experiência

A condição pós-moderna atual apresenta uma implicação missiológica adicionada à missão urbana, assim como o pós-modernismo mostra interesse no reino além do conhecimento e observação. Os pós-modernistas de acordo com Donovan e Myers (1997, p. 51) preferem o que “é experiencial ao invés de cognitivo”. Como observado anteriormente neste estudo, ao rejeitar epistemologia iluminista, os pós-modernos acreditam que a razão humana não sustenta todas as soluções para os problemas da vida.

Alguns aspectos da verdade se encontram além da compreensão racional e não podem ser completamente entendidos pela razão, afirmam os pós-modernos. Como resultado, um ceticismo profundo sobre a capacidade racional humana levou à aceitação de formas diversas de conhecimento. Isso envolve elementos como instinto,

emoção, sentimento e intuição (SMITH, 2001, p. 4748; ver MCLAREN, 2000, p. 124). Em outras palavras, os pós-modernos não são guiados pela razão como anteriormente na visão de mundo moderno, "mas também querem saber como um evento ou objeto é experienciado" (SMITH, 2001, p. 48, grifo do autor). Van Gelder confirma:

A geração que está sendo moldada pela crença pós-moderna confia tanto em seus sentimentos quanto em seus pensamentos. Na verdade, o caráter caótico e concorrente de numerosas alegações da verdade faz com que muitos se voltem para seus sentimentos, instintos e intuições como uma fonte mais segura e mais confiável do conhecimento [...]. Pessoas pós-modernas querem muito mais experimentar a vida, do que entendê-la (VAN GELDER, 2002, p. 499).

Em uma sociedade pós-moderna, o envolvimento pessoal é tão importante quanto à riqueza material foi para gerações anteriores (TABB, 2004, p. 19). A experiência tornou-se a nova moeda na economia pós-moderna. No entanto, é importante notar que essa mudança epistemológica não indica que o pós-modernismo é irracional. Leonard Sweet (2000, p. 33) afirma que "os pós-modernos não querem que suas informações sejam diretas. Eles a querem junto à experiência". O conhecimento e a lógica, no entanto, ainda têm o seu lugar, mas não são mais os temas predominantes. No passado, o conhecimento foi validado por experimentação empírica, hoje, a experiência pessoal é validada pelo conhecimento (KIMBALL, 2004, p. 186). A cultura pós-moderna, como Terry Bowland (1999, p. 126) aponta, "se elevou ao mais alto nível de importância". Como consequência, as decisões tomadas pelos pós-modernos, especialmente entre as gerações mais jovens, têm mais a ver com o que eles sentem do que com o que sabem (SMITH, 2001, p.

48). Além disso, a participação e as experiências interativas tornaram-se aspectos cruciais na vida de gerações pós-modernas emergentes. Este fato tem implicações profundas na forma como os pós-modernos aprendem, comunicam e interagem com o mundo ao seu redor. Um exemplo claro é a forma como o público telespectador anseia em participar de programas de jogos na televisão, programas de notícias e reality shows através do telefone ou de contas na internet para votar ou opinar sobre o resultado do programa (KIMBALL, 2003, p. 155-156; ver HERANGLI, 2002, p. 5-6). Outro exemplo dessa experiência interativa vem do mundo dos negócios. No passado, apresentar informações sobre um produto era suficiente para vendê-lo. Em *The Experience Economy*, no entanto, Joseph Pine e James Gilmore defendem a importância de vender “a experiência” de um produto antes de vendê-lo. Eles afirmam:

“Quando você personaliza uma experiência e a direciona apenas para um indivíduo — fornecendo exatamente o que ele ou ela precisa agora — você iniciou-o automaticamente em uma transformação” (PINE; GILMORE, 1999, p. 165).

É a experiência de um produto, portanto, que produzirá uma impressão duradoura, criando, em última análise, uma transformação no indivíduo (PINE; GILMORE, 1999, p. 172).

No contexto da missão urbana, a mudança epistemológica e a experiência têm profundas implicações. A vida urbana é repleta de ofertas para diferentes experiências e possibilidades, que, na maioria dos casos, simplesmente tendem a levar os indivíduos para mais longe de Deus. Em consequência, a igreja urbana pretende se comunicar de forma eficaz com a mente pós-moderna; a fim de ganhar sua atenção deve

aprender a ir além do nível intelectual. Deve-se levar em consideração a relação dinâmica entre as dimensões intelectual e experiencial da vida humana. Como Bowland (1999, p. 126) pondera, a igreja tem “que levar em conta que as pessoas no mundo pós-moderno de hoje querem experimentar o que [isso tem] a oferecer. Se eles não podem experimentar, é provável que nunca aceitem”.

Por outro lado, a igreja urbana não deve esquecer que parte do colapso da visão de mundo moderno envolve o dualismo entre pensamento e emoção. Ambas vitais na missão, “mas não contam toda a história por si só” (POE, 2001, p. 62). Eles devem ser vistos como complementos essenciais na proclamação do evangelho para a mente pós-moderna. A busca pós-moderna por experiência tem, em certa medida, alimentado outra questão que carrega implicações missiológicas para a igreja urbana: o consumismo.

Da mudança econômica ao consumismo

Outra dimensão notável da modernidade para a pós-modernidade é a mudança de uma cultura baseada na produção para uma cultura baseada no consumo (CRAY, 1998, p. 4). Nick Mercer (1995, p. 325) afirma que, na condição pós-moderna, “a produtividade entrou em colapso no buraco negro do consumo”. Embora o consumo possa ser encontrado em todas as culturas humanas, apenas na condição pós-moderna ele aparece como uma característica fundamental da sociedade (CORRIGAN, 1998, p. 1). Jean Baudrillard (1998, 85-86) argumenta que o consumismo é um fenômeno pós-moderno. Michael Jessup (2001, p. 289), por sua vez, concorda que “o estilo pós-modernismo, e suas formas, caracterizam o consumismo”.

O pós-moderno equivalente ao lema iluminista, Cogito, ergo sum poderia muito bem ser expressa como, Tesco, ergo sum: "Compro, logo existo" (MERCER, 1995, p. 325).

O consumismo pós-moderno é marcado pela constante expansão do marketing e das ferramentas de publicidade, no esforço de estabelecer e controlar mercados, e também no processo ativo de oferecer prazer e significado como uma nova fonte para encontrar sua identidade pessoal (MACKEY, 1997, p. 1-12). Sampson escreve: "Produtos são valorizados mais pelo que significam do que pela sua utilidade, fazendo com que as pessoas encontrem significado no próprio ato de consumo". A imagem publicitária e os produtos tornaram-se bens de consumo para satisfação própria, e não como representação de produtos reais (SAMPSON, 1994, p. 31). Indignado, Mercer (1995, p. 329-330) acrescenta:

Por que preciso escolher entre 83 tipos diferentes de cereais no café da manhã? Por que eu estou vestindo a moda desta temporada? Por que tantos milhões de ocidentais adoram as vitrines espelhadas dos shoppings a cada sábado e domingo? Porque é na escolha e na compra que eu encontro identidade e aceitação [...]. Esta é a ilusão de liberdade que o capitalismo tardio nos oferece. Baseia-se na ideia de que 'o amor ao dinheiro' é o único dinamismo através do qual a economia mundial pode funcionar. Então, se eu não posso escolher e comprar porque sou 'menos favorecido', devo então procurar por identidade e aceitação em outros lugares, ou caso contrário me desesperar. O 'outro lugar' pode ser a religião, drogas, sexo, rock'n'roll, violência ou a mistura de todos.

Em consequência, especialmente entre os jovens, a maneira que eles consomem é parte fundamental para expressar o tipo de pessoas que são, e do tipo de

peças que eles representam para os outros (WYN; WHITE, 1997, p. 86). Gunter e Furnham (1998, p. 170) afirmam, “os jovens consumidores querem produtos e serviços que proporcionem algo, que os faça parecer ou se sentir melhor, ter mais diversão e ser mais bem aceito dentro de seu grupo de amigos”. Shoppings, podem muito bem simbolizar uma nova forma de comunidade urbana onde, em última instância, as pessoas interagem umas com as outras apenas para satisfazer seu vício de comprar. Cray (1998, p. 5) confirma: “O consumismo foi construído para ser viciante [...] o desejo pelo que é ‘mais recente’ é continuamente estimulado e a economia do consumidor trabalha apenas para a criação de uma cultura de insatisfação ao invés de contentamento”.

Neste contexto, o valor fundamental de uma sociedade de consumo pós-moderna se torna uma escolha pessoal. “Escolher [é] o centro do consumismo, ambos como emblema e valor central” (GABRIEL; LANG, 1995, p. 27). O pressuposto básico é o de que todas as pessoas podem realizar qualquer coisa que tenham em mente; é apenas uma questão de escolha pessoal. Na condição pós-moderna, a escolha pessoal tem substituído o “progresso” da modernidade assim como o valor principal e as crenças (CRAY, 1988, p. 6). Assim, uma nova forma de individualismo surge, uma que leva ao isolamento; que por sua vez remonta ao consumismo como forma de suprimir os efeitos negativos da solidão. Eventualmente tornando-se um ciclo vicioso (ver FRAZEE, 2001, p. 177-179). Consumismo também tem um lado espiritual, ou uma dimensão anti-espiritual. Um estudo sociológico aponta que o prazer da mentira está no coração do consumismo. Ele encontra no consumismo um único campeão que promete libertá-lo tanto da escravidão do pecado, do dever e moralidade, quanto dos seus laços com a fé, espiritualidade e a redenção. O consumismo proclama o prazer não apenas

como direito individual, mas também como uma obrigação própria [...] A busca do prazer, sem nenhuma culpa ou vergonha, se tornou a nova imagem da boa vida (GABRIEL; LANG, 1995, p. 100). Igrejas urbanas e organizações missionárias devem ter cuidado para não cair no padrão social do consumismo pós-moderno, onde “o cliente reina e os produtos se moldam de acordo com seus desejos” (DOWSETT, 2000, p. 459). Muitos cristãos que vivem em centros urbanos, por infelicidade, têm seguido este caminho. Preocupado com o seu comportamento, Jimmy Long (1997, p. 97) escreve: “Em vez de tornar-se parte de uma comunidade cristã, eles frequentam duas ou mais igrejas em busca de atender suas necessidades pessoais. Assim eles permanecem espectadores ou consumidores em cada igreja”. Por conseguinte, como a missão urbana alinha-se com a mentalidade consumidora, seus métodos e estratégias podem tornar-se cada vez mais baseados na motivação pessoal.

Mudança temporal

Em contraste com o pré-modernismo e a visão de mundo moderno — o primeiro estabelece um sentimento comum de crenças na autoridade do passado, e este último em uma confiança ideológica no futuro — a condição pós-moderna é marcada pela desilusão sobre o que aconteceu antes e a incerteza sobre o que vem a seguir. Mark C. Taylor (1984, p. 3) acredita que os pós-modernos, “parecem ser inseguros sobre de onde vieram e para onde estão indo”. Graham Cray (1998, p. 7) constata: “a pós-modernidade perdeu a certeza de sua esperança no futuro e não conseguiu redescobrir qualquer sentido coerente de embasamento no passado”.

Uma vez que a condição pós-moderna tende a enfatizar a atualidade como a dimensão mais importante da vida humana, o “agora” tornou-se tudo o que existe e tudo o que importa. Van Gelder (1996b, p. 136-137) concorda: “O caráter perspectivo da perspectiva pós-moderna tende a concentrar a atenção sobre o ‘agora’ da vida como a única realidade importante [...]. Isso resulta em uma perda de perspectiva histórica e consciente do caráter contingente de toda a existência humana” (ver BROWN, 2001, p. 160). Como resultado direto, as pessoas pensam menos em relação às consequências relacionadas às suas decisões e ações, e, assim, os conceitos de moralidade e responsabilidade são profundamente afetados (GUDER, 1998, p. 45). Além disso, uma desequilibrada ênfase na presente dimensão pode levar a questões críticas sobre a identidade pessoal e comunitária (CRAY, 1998, p. 7-8). Mercer (1995, p. 333) escreve:

A pós-modernidade defende uma nova consciência de tempo e espaço, uma nova forma de se relacionar com as coisas passadas e o espaço em que vivemos e interagimos. Tudo é visto através do ‘aqui e agora’. Não há história nem futuro, mas isso não é o existencialismo do “agora” de autenticação por meio da decisão. Este é um reconhecimento de que toda a história é uma história do presente.

Uma das consequências mais críticas para a missão decorrente da excessiva ênfase sobre a dimensão atual da existência humana, é que em sua busca de identidade pessoal e comunitária, os pós-modernos tentam definir-se através dos meios de cultura popular (SMITH, 2001, p. 162). Além disso, o foco sobre o “presente” leva muitos pós-modernos a experimentar uma perda de direção futura e uma sensação diminuída de esperança e propósito, criando assim uma visão negativista da vida humana.

No contexto da missão urbana, outra implicação de uma cultura do presente reside no aumento do uso do ciberespaço como uma “ponte tecnológica poderosa entre o efêmero e o eterno” (BEAUDOIN, 1998, p. 46). Esta parece ser uma tentativa de preencher o vazio causado pela ênfase excessiva sobre o “agora” como a única dimensão vital da existência humana.

Do deslocamento da comunicação ao ciberespaço

Na tentativa de abordar a condição pós-moderna com o evangelho, a igreja urbana deve se engajar em uma comunicação eficaz, especialmente porque a comunicação sempre influenciou a forma como a igreja proclama a sua mensagem. O mundo ocidental, no entanto, está passando por uma das revoluções mais significativas da história da humanidade: a revolução das comunicações (CAIRNCROSS, 2001, p. 2). A evolução tecnológica nas comunicações tem avançado com uma velocidade incrível durante as últimas décadas com a crescente integração dos sistemas de computador nos meios de comunicação. De acordo com Frances Cairncross (2001, p. 2), a revolução das comunicações “estará entre as mais importantes forças que determinaram a [...] sociedade nos próximos cinquenta anos mais ou menos”.

No mundo moderno, a comunicação ocorreu principalmente através do conhecimento cognitivo. Palavras, tanto na forma oral quanto escrita eram o meio dominante de comunicação. Na condição pós-moderna, a comunicação mudou para uma forma mais interativa que gera conhecimento através da participação pessoal (WEBBER, 2003, p. 24). Inquestionavelmente, esta mudança tem implicações irreversíveis para a missão urbana em uma condição pós-moderna emergente. Para Drummond (2002, p. 120), “apesar da complexidade da

questão, o obstáculo que a comunicação apresenta a missão pode ser descrita simplesmente pela necessidade da igreja de usufruir da onda comunicativa nesse novo segmento da sociedade". Neste contexto, o ciberespaço está se tornando o mecanismo de comunicação pós-moderna por excelência, especialmente por causa de sua forte influência sobre os pós-modernos (DRUMMOND, 2002, p. 120).

Como um componente fundamental da revolução das comunicações atual, o desenvolvimento do ciberespaço é cada vez mais reconhecido como "uma das maiores invenções da história da civilização" (SWEET, 2000, p. 115). Nunca antes uma nova invenção havia surgido tão rápido da "obscuridade para a fama global" (CAIRNCROSS, 1997, p. 75). Cairncross (1997, p. 76) afirma que o ciberespaço oferece "um mundo em que a transmissão de informação custa praticamente nada, que a distância é irrelevante e que qualquer quantidade de conteúdo é instantaneamente acessível". Além disso, o ciberespaço é visto como uma ferramenta poderosa para a mudança social entre os pós-modernos (ver SWEET et al., 2003, p. 155-156). Rob Weber afirma:

A quantidade de informações que recebemos e as diferentes oportunidades de acesso aumentam drasticamente a cada dia. É impressionante quanta informação nos é apresentada de forma regular [...]. O acesso a quase todas as culturas, filosofias, sistemas religiosos e grupos de interesse estão apenas a alguns cliques de distância. A internet não é apenas uma fonte passiva de informações (a nossa espera); ela está vindo até nós através do envio de e-mail 'spam', informações de rastreamento e anúncios pop-up. Estamos sendo inundados por uma tempestade de histórias, imagens e informações (WEBER, 2002, p. 27).

O ciberespaço personifica o ethos pós-moderno em pelo menos duas maneiras. Primeiro, ele cria uma realidade virtual onde o espírito pós-moderno da ficção embasada com a realidade é facilmente alcançada. Na realidade virtual não existem barreiras temporais ou espaciais; e qualquer um pode estar em qualquer lugar em qualquer momento (ver MERCER, 1995, p. 323). Segundo ele responde a um dos principais desejos dos indivíduos que buscam uma experiência de realidade virtual: a velocidade. Beaudoin (1998, p. 86-87) afirma que a busca por uma velocidade “perfeita” no ambiente de ciberespaço “garantiria uma simulação possivelmente ‘real’ e, portanto, permitiria a presença em um reino que está além dos limites da realidade”.

Portanto, em uma sociedade urbanizada e pós-moderna, a igreja urbana deve estar aberta para o ciberespaço como um novo sistema de entrega de informação. Porém, ao mesmo tempo, a igreja urbana deve estar ciente de que quanto mais conectadas eletronicamente, mas desligadas se tornam pessoalmente (SWEET, 2000, p. 115). Na busca pós-moderna por uma experiência on-line para satisfazer a solidão de uma existência desligada, é responsabilidade da igreja urbana fornecer opções e direção para as relações sociais no ciberespaço, o que de acordo com Sweet et al. (2000, p. 156), “os modernos não podem sequer começar a compreender”. Além disso, com o espaço cibernético proliferando em todo o globo, as dimensões espaciais local e global se fundem e se tornam cada vez mais próximas (BEAUDOIN, 1998, p. 57).

Da mudança espacial à glocal

Outra implicação importante à missão urbana em uma sociedade pós-moderna vem através da disseminação do impacto da globalização: o conceito de glocalidade.

A glocalidade descreve a interação entre influencia global e ênfase local. William Lim escreve;

O conceito de glocalidade envolve e define local e global. Isso requer continua interação de ambos e sua frequente junção de fronteiras [...] A glocalidade abrange um vasto leque de preocupações em relação a pobreza, meio ambiente e qualidade de vida, como a problemas relacionados com a subalternização bem como novas direções em urbanismo, arquitetura e as artes. A força motriz é criadora de rebeldia com fortes compromissos com a justiça social. A solução é pluralista e sua principal característica é a tolerância das diferenças (LIM, 2001, p. xv).

Enquanto o impacto geral de glocalidade ainda não é sentido, sua emergência não pode ser negada. Robert Jeffery (2002, p. 195) observa:

À medida que o mundo fica menor, há uma forte tentativa de reafirmar o local, o tribal e a cultura distinta, embora de uma forma diferente [...]. A globalização, portanto, não enfraquece culturas distintas; ao invés disso, dá-lhes um novo significado. Há mais pressão para fazer valer o local e o distintivo.

Os pós-modernos reconhecem que em uma comunidade global a identidade local não pode ser negligenciada. Este fato é perceptível em tendências como moda, entretenimento e música onde existem fortes ligações entre local e global, o que reforça a ideia de glocalidade. Gerações pós-modernas emergentes estão localmente sensíveis, bem como conscientes globalmente. Já não percebem as coisas somente pelo seu contexto local. As implicações de glocalidade no contexto da missão urbana para uma condição pós-moderna são significativas. A igreja urbana precisa aprender a se comunicar com a mente pós-moderna com uma consciência local e global ao mesmo tempo.

Andrew Davey (2002, p. 39) concorda: “Os pontos fortes da igreja devem situar na sua capacidade de manter o local e o global em sua própria tensão dinâmica em que visa a prática da liberdade humana na presença de Deus em qualquer condição humana que se encontra no nível local, nacional, regional e global”.

A igreja urbana precisa, portanto, entender e perceber a sua responsabilidade e potencial de conexão, além de afirmar as comunidades e indivíduos nos elementos locais e globais da condição pós-moderna. Um determinado esforço da parte da igreja vai permitir que ela se torne uma comunidade de pessoas que demonstram interesse com as preocupações glocais dos pós-modernos. Aqui, a igreja urbana tem a oportunidade e a responsabilidade de expressar a sua natureza global no contexto de uma comunidade local. Esta é também uma forma poderosa de se conectar com a mente pós-moderna (WEBBER, 2003, p. 133). Na segunda parte deste capítulo, são abordados alguns princípios propostos para uma missão urbana sensível ao pós-modernismo.

Princípios propostos para uma missão urbana

Assim como a diferença entre missionários transculturais e a cultura destinada pode apenas ser superada através do uso cuidadoso da comunicação, se a igreja urbana deve ser bem sucedida em comunicar o evangelho para os pós-modernos é essencial entender a perspectiva pós-moderna e alguns dos princípios que podem ser usados para produzir um diálogo. Esta última seção recomenda princípios selecionados que devem ser levadas em consideração em uma missão urbana sensível ao pós-modernismo. Entre eles estão os princípios comuns,

empírico, antigo para o futuro, de integração e de narração.

Princípio da comunidade

Aproximadamente 15 anos atrás, refletindo sobre a conferência de 1989 da Comissão de WCC para a Missão Mundial e Evangelização, em San Antonio, Texas, o missiólogo David Bosch (1989, p. 137) observou o surgimento do tema de comunidade declarando que “a procura da comunidade vai passar a ser um dos principais temas missiológicos” nos próximos anos. Com o surgimento da condição pós-moderna em mente, Bosch (1991, p. 472) reforçou seu argumento na *Transforming Mission*, afirmando que “é a comunidade a principal portadora da missão”. Além disso, no final de seu livro publicado posteriormente em missiologia para a cultura ocidental, Bosch (1995, p. 60) escreveu:

A questão sobre a viabilidade de um empreendimento missionário para as pessoas ocidentais depende da questão da natureza e da vida das nossas comunidades de adoração locais na medida em que facilitam um discurso no qual o envolvimento das pessoas com a sua cultura é incentivado.

Por outro lado, o reconhecimento do fracasso do culto moderno individual também deu origem à tomada de consciência da importância da comunidade. Estudiosos têm reconhecido a necessidade de compreender melhor a relação entre os aspectos individuais e sociais da existência humana (GRENZ, 1992, p. 20). No que parece ser uma contradição, os pós-modernos querem ter a liberdade individual, mas no contexto da comunidade. Leonard Sweet (1999, p. 34) apresenta um paradoxo afirmando que “a busca pelo individualismo levou-nos a

este lugar de fome por comunidade." Van Gelder (2000b, p. 38) acrescenta:

Pessoas moldadas pela perspectiva pós-moderna tendem a estar em uma jornada à procura de uma comunidade. A promessa do Iluminismo de produzir uma liberdade antecipada para o reconhecimento próprio, tornou-se para os indivíduos racionais uma gaiola de ferro de individualismo no mundo pós-moderno. Qualquer senso de identidade ou significado pessoal entrou em colapso. O resultado para muitos tem sido um renovado desejo de descobrir, encontrar e pertencer à comunidade. Uma ponte natural existe para que o evangelho seja proclamado por uma comunidade cristã convidativa que sabe aceitar as pessoas onde estão.

Em outras palavras, a geração pós-moderna está mais aberta a relacionamentos do que nunca, afastando-se do individualismo da visão de mundo moderno em forma de Iluminismo em uma atitude comum pós-moderna. Neste contexto, e visto de uma perspectiva de missão urbana, a busca pós-moderna por relacionamentos é de importância fundamental. Como a urbanização e a globalização têm o seu efeito sobre a sociedade, a maioria dos moradores das cidades vivem em diversos mundos culturais, com múltiplas identidades e participam de várias comunidades. Mesmo assim, na maioria dos casos sua participação em tais comunidades podem ser superficial e/ou sem sentido.

A busca por pertencimento

A condição pós-moderna foi marcada pelos efeitos das circunstâncias familiares disfuncionais, que, em grande parte, leva gerações pós-modernas mais jovens a procurar por pertencimento em locais alternativos. Na

maioria dos casos esta é uma busca por raízes, uma busca por família e amigos (CALLAHAN, 1990, p. 102).

Em última análise, os pós-modernos esperam encontrar o que pode satisfazer seu anseio mais profundo: um lugar onde eles podem pertencer e serem aceitos. Além disso, parece que o colapso da visão de mundo moderno tem realmente criado um desejo não apenas por uma comunidade, mas por intimidade (LONG, 1997, p. 137) em um contexto onde as pessoas podem ser aceitas e valorizadas como elas são. Por outro lado, os pós-modernos muitas vezes entram em relacionamentos que lhes garantam um sentimento de pertencer, mas no final só aumentam o sentimento de desespero e alienação. Por exemplo, não é surpreendente que as pessoas mais jovens estejam obcecadas por sexo, visto que lhes proporciona a oportunidade de intimidade física e emocional sem os riscos de dano emocional que vêm através do compromisso e da vulnerabilidade.

A intimidade pós-moderna está procurando estender uma dimensão horizontal em direção a relações humanas e uma dimensão vertical em direção ao sagrado ou o espiritual (WUTHNOW, 1994, p. 51). Do ponto de vista da missão cristã, portanto, a busca pós-moderna por espiritualidade é em última análise a busca de um relacionamento com Deus, que por sua vez, pode ser satisfeito pela experiência de pertencer a uma comunidade de seguidores de Deus — a igreja (GRENZ, 1999, p. 46).

A igreja urbana como uma comunidade de pertencimento

A igreja urbana é a comunidade cristã designada por Deus para levar a diante a sua missão aos centros urbanos do mundo. Como tal, desempenha um papel crucial no cumprimento da missão pós-moderna. Hunsberger (2002, p. 97) escreve: “A cobrança por ser comunidade é fundamental para a igreja no tempo presente. A nova geração decorrente certamente não vai tolerar qualquer coisa menos”. Grenz (1992, p. 20), por sua vez, argumenta que “a transição para uma era pós-moderna exige que nós repensemos a natureza da igreja – que busquemos uma renovação de nossa visão de quem somos como comunidade de Deus”. Para isso, é essencial que a igreja venha a compreender não só a sua natureza missionária intrínseca (ver BLAUW, 1962, p. 119-126), mas também a sua identidade comunitária.

No entanto, especialmente por causa da crescente indiferença à religião institucionalizada, os pós-modernos estão à procura de uma comunidade para pertencer antes de encontrar uma mensagem para acreditar. Richard Rice declara: “Pertencimento é o elemento mais importante na vida cristã. Ele prevalece sobre o acreditar e o agir. Crenças e práticas são essenciais para a experiência cristã, é claro, mas sua característica central, o elemento mais importante e abrangente é participação na vida da comunidade” (RICE, 2002, p. 204).

Na comunidade, portanto, os pós-modernos podem experimentar crenças a que estão expostas. Então, podem decidir afirmar publicamente essas crenças e seguir a Cristo intencionalmente. Enquanto isso, eles estão à procura de uma aceitação, um lugar seguro para expandir a sua própria identidade no contexto da comunidade (RICHARDSON, 2000, p. 99-100). Com o

conceito de comunidade cristã em mente, a missão da igreja para com os indivíduos urbanos pós-modernos deve ter uma metodologia e um foco diferente. A igreja urbana precisa empregar uma abordagem muito mais relacional, uma abordagem que, de acordo com Kimball (2003, p. 81), “vai reconstruir a confiança e apontar para Jesus como o único que pode ser sempre confiável”. Comentando sobre a importância de uma abordagem adequada no desenvolvimento de uma verdadeira comunidade cristã, Rice sustenta:

Se pertencimento é fundamental para a nossa compreensão do cristianismo, no entanto, o propósito do evangelismo não é convencer as pessoas a mudar suas ideias ou suas ações. Sua meta é incorporá-las à comunidade cristã para compartilhar com eles as ricas bênçãos da comunhão cristã. Uma vez que estamos cientes de que pertencer é o nosso objetivo principal, podemos mostrar que isso inclui acreditar e agir, mas não vamos fazer mudanças na crença e no comportamento como um objetivo em si mesmo (RICE, 2002, p. 121).

Portanto, se levado a sério, o desenvolvimento de uma autêntica comunidade cristã através da igreja local será a fundação relacional básica para a missão urbana e o quadro básico para o ministério em um ambiente pós-moderno.

Princípio experiencial

Como já mencionado no capítulo 4 do presente estudo, a busca por experiência espiritual é uma das tendências características no mundo ocidental no início do século 21 (ver SWEET, 1992, p. 33). Os pós-modernos, afirma Sweet (2000, p. 49), “estão famintos por experiências [espirituais]”. No entanto, este aparente interesse em questões espirituais tem mais relação com o sentimento

pessoal do que com o interesse em verdades espirituais. Os pós-modernos podem estar interessados em desvendar os problemas que machucam o coração, mas podem não estar interessados em desenvolver crenças para a sua mente.

A igreja urbana, portanto, deve tomar em consideração o desenvolvimento de experiências espirituais que sejam tangíveis e reais. Partilhar nossa experiência com Deus pode ser mais eficaz do que tentar convencer as pessoas que elas devem acreditar em Jesus ou na Bíblia. Assim, como Richardson (2000, p. 51) aponta, para a mente pós-moderna “experiência vem antes de explicação”. No entanto, é importante enfatizar que a experiência não substitui explicação, mas deve ser experimentada antes. Uma abordagem sensível ao pós-modernismo para a missão urbana não deve tornar-se anti-intelectual e renunciar a tudo que foi alcançado pela visão de mundo moderno baseado no Iluminismo. Grenz (1996, p. 169) afirma:

Nenhuma experiência ocorre no vácuo; nenhuma transformação vem a nós para além de uma interpretação facilitada pelo conceito — a “teia de crenças” — nós fazemos isso. Pelo contrário, a experiência e os conceitos interpretativos são reciprocamente relacionados. Nossos conceitos facilitam nossa compreensão das experiências que temos na vida e as nossas experiências moldam os conceitos interpretativos que empregamos para falar sobre nossas vidas.

Neste novo contexto para a missão, a igreja urbana local deve disponibilizar um ambiente em que a partilha de uma experiência pessoal com Deus pode ser discernida de maneira tangível. Para este fim, em uma sociedade ocidental orientada cada vez mais por imagem, uma

experiência multissensorial com Deus pode ser de profunda relevância para a mente pós-moderna.

A busca por experiência visual

A ascensão de formas visuais, simbólicas e interativas de comunicação é de grande importância para a missão da igreja na condição pós-moderna emergente (ver WEBBER, 1999, p. 133). Enquanto no mundo moderno se alicerça no processo de comunicação baseada em palavras, na condição pós-moderna elas são orientadas por imagens (ver SWEET, 2000, p. 860). Como um guru de negócios Peter Drucker (1989, p. 264) salienta, "Trezentos anos atrás, Descartes disse: 'Penso, logo existo'. Agora vamos ter de dizer também: 'Vejo, logo existo' Desde Descartes, a ênfase tem estado no conceitual. Cada vez mais vamos equilibrar o conceitual e o perceptual".

Assim, em um contexto urbano pós-moderno, a estética se tornou a nova "linguagem do poder" (SWEET, 2000, p. 93; ver MILLER, 2004, p. 55). Rodney Clapp (2000, p. 102) afirma que os pós-modernos "cada vez mais se afastam da palavra escrita e dos livros e se voltam para o poder da imagem fotografada, televisionada e digitalizada." Mitchell Stephens (1998, p. xii), por sua vez, acredita que a imagem "tem o potencial de nos levar a novos horizontes e novos lugares filosóficos, assim como a escrita fez uma vez, a impressão faz novamente". Escrevendo sobre o poder das imagens de vídeo, Stephens (1998, p. xii) acrescenta:

No século XVI, o escritor francês Rabelais exclamou: 'Impressão [...] está agora em uso, tão elegante e tão correta que não pode ficar melhor'. Quase meio milênio já passou. Meu argumento, apenas indicando, é que estamos finalmente prontos para imaginar melhor que mais uma vez produzimos uma forma de comunicação

poderosa o suficiente para nos ajudar a desenvolver nas formas de conhecimentos muito mais avançados.

Jim Wilson (2002, p. 24) ressalta que neste novo contexto cultural, os pós-modernos que buscam por uma experiência espiritual não são crentes na “palavra”, mas pessoas que estão procurando razões para acreditar ou princípios a seguir — ou seja, são guiadas pela ‘imagem’ que por muito tempo procuram sincronizar a sua alma com Deus através da beleza, ritmo e intuição. Eles preferem a “imagem” a “mil palavras”. Na cultura pós-moderna emergente, portanto, o uso de metáforas e a busca por conceitos visuais são elementos primordiais no processo de comunicação e os mesmos princípios e proposições cognitivas chegaram à era moderna. Sweet (1999, p. 34) concorda, “proposições são perdidas em ouvidos pós-modernos; mas metáforas são ouvidas e imagens são vistas e entendidas” (ver SWEET et al., 2003, p. 155).

No atual ambiente orientado pela imagem, contudo, a igreja de um modo geral não começou a abordar esta tendência de comunicação de forma adequada (ver DOWSETT, 2000, p. 458). Infelizmente, a missão da igreja para as culturas pós-modernas enfrentou sérios problemas por sua incapacidade de adaptar seus métodos para esta nova tendência. Na maioria dos casos, as igrejas urbanas ainda estão abordando os pós-modernos da maneira tradicional, insistindo apenas na utilização de palavras. Leonard Sweet e Brian McLaren (2003, p. 154-155) admitem:

A igreja tem um problema de imagem. Em uma imagem onde tudo é cultura, imagens têm substituído palavras como um vernáculo cultural. A igreja está fortemente “logocêntrica” (ou seja, baseada em palavras), nervosa em torno das imagens e alienada de sua própria imagem rica em pedigree. Isto contrasta com o fato de que até as

crianças de hoje estão de maneira surpreendente aprendendo dentro de uma tradição visual.

Uma vez que a condição pós-moderna emergente produz uma geração que aprende visualmente através da televisão, filmes e internet, a igreja deve tornar-se tridimensional em seus métodos de ensino incorporando elementos visuais não como um substituto para as palavras, mas em apoio a elas (KIMBALL, 2004, p. 188). Estas novas formas de comunicação, afirma Stephens (1998, p. xii), “deve ser reivindicad[a] como um método visual distinto para compartilhar o evangelho”. Assim, a lição para a igreja é simples: imagens criam emoções e as gerações pós-modernas vão responder à experiência que elas criaram (SWEET, 2000, p. 86). Anderson (1992, p. 21) aponta: “O velho paradigma ensinou que se você tiver o ensino correto, você vai poder experimentar Deus. O novo paradigma diz que se você experimentar Deus, você terá o ensino correto”. Na condição pós-moderna, portanto, a verdade é também expressa em imagens (GUDER, 1998, p. 37).

Mesmo assim, a visão é o único elemento que a igreja sensível ao pós-modernismo deve oferecer para um encontro experimental com Deus. Cada vez mais, algumas igrejas urbanas têm empregado o que é chamado de experiência “total” ou “multissensorial” em suas reuniões de adoração a fim de atrair os pós-modernos para a mensagem do evangelho.

A igreja urbana como experiência multissensorial

Os seres humanos foram criados por Deus com a capacidade de experimentar o mundo que nos rodeia através dos nossos cinco sentidos. No contexto de culto e adoração, Kimball (2003, p. 128) alega: “Deus nos criou como criaturas multissensoriais e escolheu revelar-se a

nós através de todos os nossos sentidos. Portanto, é natural que adoremos usando todos os nossos sentidos". Este fato é ainda mais significativo na condição pós-moderna.

Os pós-modernos estão procurando por um envolvimento espiritual que vá além de mero entretenimento (CELEK; ZANDER, 1996, p. 67). Eles estão à procura de uma experiência espiritual que envolva todos os sentidos (ver KITCHENS, 2003, p. 51). Por esta razão, experiências de adoração multissensoriais são extremamente atraentes para a mente pós-moderna. Gerações pós-modernas, afirma Kitchens (2003, p. 50-51), "não estão interessadas em um contato 'mental' [...] de adoração que pode uma vez ter apelado aos cristãos modernos. Eles simplesmente querem experimentar e sentir a presença de Deus na adoração". Hudson (2004, p. 66) afirma: "A adoração na era moderna está totalmente focada no aprendizado sobre Deus. Na era pós-moderna a adoração focou no experimentar Deus. Os pós-modernos veem a adoração como uma questão do coração e não da cabeça".

Em toda a Escritura, Deus usou eventos multissensoriais para melhorar o ensino verbal (KIMBALL, 2003, p. 188). A experiência bíblica de adoração — como representada tanto no santuário do AT quanto no templo em Jerusalém — era muito mais do que apenas ouvir as palavras de uma mensagem que está sendo apresentada. Estas experiências de adoração retratam com representações gráficas de cor, sabor, cheiro, espaço e ação na adoração (por exemplo: Êx 25-28; Nm 16; Lc 1: 9-10). Em Apocalipse 4, por exemplo, "a linguagem utilizada invoca emoção e humor pela sua descrição estética do trono de Deus no céu" (KIMBALL, 2004, p. 81). Em termos práticos, a adoração multissensorial inclui ver, ouvir, provar, cheirar, tocar e

experimental. Na busca de proporcionar um ambiente no qual uma experiência experiencial/multissensorial de Deus é possível, igrejas sensíveis ao pós-modernismo emergente devem envolver reflexão, silêncio, canto, pregação, e o uso das artes em suas celebrações de adoração.

O conceito de futuro antigo

Outra tendência significativa que surgiu entre as igrejas sensíveis ao pós-modernismo é uma reincorporação do antigo pensamento e práticas cristãs nas expressões religiosas contemporâneas. Na Inglaterra, esta abordagem é chamada de "ortodoxia radical"; na Nova Zelândia e Austrália é descrita como "culto alternativo"; na América do Norte é identificada como "futura antiga fé" (SWEET, 2000, p. 46). De acordo com Robert Webber — um dos principais defensores do "princípio futuro antigo" — a principal proposição por trás dessa nova tendência reside no fato de que "o caminho para o futuro atravessa o passado" (WEBBER, 1999, p. 7). Em outras palavras, é uma tentativa de reintroduzir o cristianismo clássico no contexto da condição pós-moderna emergente.

A iniciativa de reafirmar o cristianismo primitivo a fim de reavivar a presença da igreja nas culturas contemporâneas não é um novo desenvolvimento. O mesmo aconteceu durante a Reforma Protestante do século 16 (WEBBER, 1999, p. 25). No entanto, a reforma testemunhou uma reação massiva contra o suntuoso simbolismo da igreja católica e, como consequência direta, "o bebê foi jogado fora com a água do banho; o simbolismo da adoração sensorial foi totalmente rejeitado em vez de ser reinventado"

(STETZER, 2003, p. 147). Stetzer (2003, p. 147) assinala que, “em muitos aspectos, o desejo pós-moderno é imitar a ação da Reforma, mas não sua essência. A recuperação da fé experiencial do passado com seus símbolos sagrados e doxologia compartilhada, une pessoas de uma forma que não é familiar para uma sociedade individualista”.

A procura pelo significado e a importância da vida em meio à característica fragmentada e isolada das sociedades urbanas ocidentais abriu a porta para uma redescoberta do cristianismo clássico. Como resultado, Webber (1999, p. 27) afirma que “o tipo de cristianismo que atrai a nova geração de cristãos e fala de forma eficaz para um mundo pós-moderno é aquele que enfatiza verdades primárias e autêntica personificação”, como experimentado nas antigas tradições da igreja primitiva.

A busca por significado

Em uma sociedade urbana cada vez mais pluralista e dinâmica, um sentimento de desenraizamento e ansiedade têm contribuído para a busca de um sentido de significado, especialmente entre as gerações pós-modernas mais jovens (GIBBS, 2000, p. 163). Como resultado direto, essa busca por significado tem atraído os pós-modernos a práticas litúrgicas antigas de espiritualidade; como um retorno à “tradição”, não ao “tradicionalismo” (GIBBS, 2000, p. 163). A rejeição pós-moderna da religião institucionalizada claramente se opõe ao formalismo e linguagem incompreensível do tradicionalismo da igreja; no entanto, ao mesmo tempo, os pós-modernos procuram redescobrir os elementos espirituais da antiga tradição cristã. Gibbs (2000, p. 161) destaca: “Esta atração é destacada pelo desejo de jovens

em firmar raízes que compensem a transitoriedade e fragmentação do mundo em que eles cresceram”.

A associação com o valor estabelecido e a riqueza da tradição cristã — especialmente quando reforçado em experiências multissensoriais — traz os pós-modernos para ao ponto de poder envolver-se na jornada de conhecer a Cristo e experimentar as alegações do Cristianismo, assim como procurar o significado e a verdade para suas próprias vidas (STETZER, 2003, p. 147). A atração que as disciplinas espirituais antigas e os símbolos têm sobre a mente pós-moderna pode ser um elemento eficaz em uma comunicação relevante na mensagem do evangelho, especialmente entre as gerações mais jovens (JONES, 2003, p. 4-7).

A igreja urbana como comunidade “futuro antiga”

Em muitos aspectos semelhantes com a condição pós-moderna contemporânea, o Cristianismo clássico foi moldado em uma sociedade pluralista, pagã e relativista. Dentro do atual contexto ocidental urbano, a igreja moderna falhou ao responder a muitas perguntas dos pós-modernos. O interesse contemporâneo na tradição e simbolismo, no entanto, é uma das marcas da virada pós-moderna para espiritualidade e para uma perspectiva mais tradicional da igreja (ver BAKER, 2004, p. 27-28; KIMBALL, 2003, p. 26). Kimball (2004, p. 91) escreve:

O mundo pós-moderno é um rico contexto cultural para a recuperação de uma visão clássica da igreja. A mudança de filosofia da razão para o mistério fornece uma abertura para a discussão de uma visão sobrenatural da igreja conectada à obra de Cristo. A mudança do individualismo à comunidade é uma mudança cultural que nos permite falar mais uma vez

do significado da igreja como um reflexo da comunidade eterna de Deus expressa na Trindade; a ênfase na teoria da comunicação, da linguagem de imagens e metáforas, nos permite recuperar as imagens bíblicas e as marcas históricas da igreja.

Para as gerações pós-modernas emergentes, os símbolos são novos e significativos (GIBBS, 2000, p. 129), e, por causa de sua ênfase visual, formas simbólicas de comunicação tornaram-se um aspecto essencial para a forma pós-moderna de pensar (WEBBER, 1999, p. 35). Webber (1999, p. 107) acrescenta:

O papel do simbolismo em um mundo pós-moderno não é o de recriar o simbolismo cerimonial da era medieval, mas para compreender e aplicar o simbolismo da atmosfera como o sentimento de temor e reverência. Assim como para recuperar a beleza do espaço, e ações simbólicas da adoração e restaurar os sons da música e a atração das artes. Essas formas simbólicas da presença e verdade de Deus são mediadas para nós. Nessas ações simbólicas, tomamos o conhecido e o levante para o desconhecido para que ele seja devolvido para nós como o mistério do transcendente.

Para este fim, igrejas urbanas com a sensibilidade do pós-modernismo podem empregar a prática de formas de adoração antigas e relevantes, assim como o renascimento da compreensão e ensino sobre raízes judaicas da fé cristã. Por exemplo, algumas destas igrejas têm incluído a Páscoa como parte de seu calendário de adoração, aproveitando esta oportunidade para ensinar alguns aspectos das práticas do AT para as gerações pós-modernas emergentes (KIMBALL, 2004, p. 93).

Princípio de integração

A era moderna divide cada aspecto da vida humana em áreas especializadas, resultando em uma sociedade fragmentada e desconectada. Esta divisão é ainda mais visível em uma sociedade urbanizada e pós-moderna. Os moradores urbanos perderam o sentido de tudo — como tudo se relaciona com todo o resto. Por outro lado, os seres humanos foram criados como pessoas inteiras, com dimensões físicas, mentais e espirituais. Por esta razão, os pós-modernos conferem grande importância à abordagem da vida humana como um todo, enquanto procuram envolver todas as dimensões da vida humana em sua experiência pessoal. Poe afirma que “a pós-modernidade rejeitou o conhecimento e a segmentação de experiência. Integração e pensamento holístico tornaram-se características da mente pós-moderna emergente” (POE, 2001, p. 28). Os pós-modernos anseiam por esse tipo de integração. A verdade como uma mera noção filosófica e conceitual, sentida através de sentimento e ação, não tem sentido para eles (RICHARDSON, 2000, p. 46). Como resultado direto — especialmente por causa da conexão intrínseca entre as dimensões da vida humana — não abordar a integração de todas as dimensões humanas traz sérias consequências para os esforços da missão urbana na condição pós-moderna. Claerbaut afirma:

A privação em qualquer dessas dimensões tem um efeito de amortecimento sobre os outros, uma vez que todas as partes estão inter-relacionadas e inteiradas. Sofrer fisicamente torna difícil o bom funcionamento psicológico. Deficiências emocionais graves são por vezes vistas como deficiências físicas. Uma vida espiritualmente estéril é sempre revelada na depressão e no baixo nível de energia. Assim como na Teologia, não podemos dividir as pessoas em partes, e também no ministério não devemos dissecar, mas sim servir

pessoas inteiras. A alma sem o corpo é um fantasma; o corpo sem a alma é um cadáver. Na verdade, apenas uma abordagem holística para ministério pode satisfazer as diretrizes bíblicas e as necessidades da cidade (CLAERBAUT, 1983, p.17).

Portanto, uma abordagem integradora na missão torna-se um elemento primordial na resposta aos anseios dos moradores urbanos que têm sido cada vez mais afetados por conceitos pós-modernos. Esta abordagem, no entanto, não pode ser dissociada da presença genuína da igreja urbana na preocupação da comunidade. Somente quando a igreja for real e presente, uma característica básica que os pós-modernos estão procurando, ela vai ser revelada de maneira autêntica.

A busca por autenticidade

A autenticidade é indispensável para os pós-modernos emergentes, e isso se torna realidade apenas quando a igreja é real e presente. Esta “presença” é o que missiologistas se referem como ministério encarnacional, o que significa que a igreja deve tornar-se parte da comunidade que busca alcançar. A igreja deve ser sensível aos pós-modernos e estar disposta a conhecê-los no seu próprio território pronto para comunicar o evangelho de uma forma que eles possam compreender (KIMBALL, 2003, p. 8). Stetzer (2003, p. 141) escreve: “Temos que ir até os pós-modernos a fim de alcançá-los. Devemos viver em seus bairros, comer em seus restaurantes e fazer compras em suas lojas. Viver em Cristo deve tornar-se uma realidade diária”. No contexto da condição pós-moderna, no entanto, a presença real é dificilmente alcançada sem uma relação de confiança dentro da igreja urbana.

Por causa de seu ceticismo em relação à autoridade e estruturas de autoridade, os pós-modernos devem ver as alegações do Cristianismo através de indivíduos que podem gradualmente ganhar sua confiança e respeito (GIBBS, 2000, p. 69). Bevan Herangi (2002, p. 7), um jovem moldado pela cultura pós-moderna, alega:

Mesmo que isso signifique uma experiência dolorosa, nós devemos saber a verdade. Ao contrário de outras gerações que varreram uma grande quantidade de problemas para baixo do tapete, nós queremos enfrentar os fatos. Nós simplesmente não acreditamos no que as pessoas dizem, vamos esperar e ver o que eles vivem.

Em uma veia similar, Smith (2001, p. 196) afirma que os pós-modernos “simplesmente querem ver o real, como um honesto e bom cristão, alguém que acredite verdadeiramente nos misericordiosos, compassivos, exemplo de cura de Jesus Cristo”. Eles estão em busca de indivíduos e comunidades que sejam genuínas e autênticas. Tabb (2004, p. 110) confirma:

O principal método pelo qual podemos cumprir nossa missão e tornar Cristo conhecido no mundo pós-moderno, é por se tornar dolorosamente autêntico. Temos de ser real antes de nossas palavras significarem algo. Mesmo assim, a mensagem da nossa vida deve ser muito mais alta do que as palavras que saem de nossas bocas.

Engajar-se aos pós-modernos começa com a tomada de suas perguntas e reservas de forma séria (HENDERSON, 1998, p. 209). A principal questão em sua mente não é mais “É verdade?”, mas sim, “Isso é real?” (STETZER, 2003, p. 140). Como Jim Wilson (2002, p. 113-114) alega, os pós-modernos se esforçam por uma “comunidade autêntica e pelo incentivo para que as pessoas sejam

reais com elas mesmas, com Deus e com os outros”. Para eles, a igreja não precisa ser perfeita; ela só precisa ser autêntica.

A igreja urbana, portanto, deve se concentrar muito mais na presença e nas relações que produzem confiança, em vez de divulgação agressiva pela busca de decisões imediatas. A mensagem comunicada pela vida e presença da igreja urbana torna-se mais importante para os pós-modernos do que a mensagem entregue apenas por palavras. Para este fim, uma oportunidade de servir à sua comunidade e seu mundo é um poderoso instrumento para atrair os pós-modernos a Cristo.

A igreja urbana no serviço ao próximo

Gerações pós-modernas emergentes estão procurando por oportunidades que sejam úteis à sua comunidade e o seu mundo. Andrew Black (apud WEBBER, 2002, p. 49) afirma que “esta geração [está] procurando novas maneiras de servir ao próximo [...]. Há uma crescente vontade de trabalhar em conjunto para resolver problemas em um nível mais gerenciável.” Pós-modernos, aponta Kitchens (2003, p. 71), estão “interessados em encontrar um lugar para comprometer suas vidas e fazer a diferença no mundo”. Mesmo através da linguagem não religiosa, os pós-modernos expressam suas necessidades religiosas, tais como a necessidade de sentido e propósito na vida, necessidade de significado, necessidade de fazer uma contribuição e a necessidade de ser necessário. Assim, um dos elementos-chave no engajamento da mente pós-moderna é o serviço (STETZER, 2003, p. 141).

Visto que as gerações pós-modernas emergentes começam a interagir e se envolver com a missão da igreja, elas parecem estar particularmente preocupadas

com a situação dos pobres nos centros urbanos (WEBBER, 2002, p. 49). Kitchens (2003, p. 72) afirma,

Para eles, não é o suficiente enviar dinheiro para apoiar a missão da denominação ou ajudar a financiar alimentos ou abrigo. Os pós-modernos desejam enviar a si mesmos, não apenas seus dólares para a missão. Eles estão procurando maneiras de se envolver diretamente em trabalhar por justiça, proporcionando atos de hospitalidade e serviço e oferecendo cura para aqueles que precisam.

Missões de curto prazo são também uma poderosa forma de envolver os pós-modernos no serviço. Os pós-modernos gostam de viajar; conseqüentemente, estar em outro ambiente cultural e ver Deus usá-los é uma experiência marcante para a mente pós-moderna. Além disso, quando os pós-modernos colocam suas mãos em um projeto, sua mente e coração se tornam inteiramente ligados ao serviço. Assim, a experiência pessoal que as missões de curto prazo proporcionam não é rápida ou facilmente esquecida na mente pós-moderna (CELEK; ZANDER, 1996, p. 140).

Os pós-modernos veem que a fé autêntica produz verdadeiro serviço e a validade da fé cristã é confirmada, assim a experiência particular de servir os outros pode levá-los mais longe em sua jornada com Cristo. A igreja urbana, portanto, deve oferecer oportunidades para desafiar os pós-modernos a se envolver no serviço de suas comunidades locais e globais.

Os princípios para contar histórias

Nas sociedades antigas, o uso da narrativa foi um dos elementos vitais para organizar a vida. Da mesma forma, durante várias centenas de anos a cultura ocidental foi baseada na tradição bíblica e guiada pela narrativa

abrangente das ações de Deus na história humana. Durante o desenvolvimento do Iluminismo baseado na visão de mundo moderno, contudo, a secularização das narrativas históricas reduziu drasticamente a importância das histórias para trazer sentido à vida das pessoas (CELEK; ZANDER, 1996, p. 140). Hahn e Verhaagen (1998, p. 24) comentam sobre isso:

Quem precisa de histórias ou mitos para dar sentido ao mundo quando nós temos as ciências exatas? História e mito tornaram-se termos pejorativos para descrever contos que podem ter sido úteis para os pré-modernos e as audiências tecnológicas pouco sofisticadas, mas não para as pessoas modernas.

Em um artigo pioneiro, Robert Jenson (1993, p. 19) argumenta que o mundo pós-moderno é o único “que perdeu a sua história”. Para a mente pós-moderna, não há nenhuma história abrangente que explique todos os aspectos da vida humana. Pelo contrário, “há agora uma infinidade de histórias contraditórias, nenhuma mais válida do que qualquer outra” (HAHN; VERHAAGEN, 1996, p. 103). Van Gelder (2000b, p. 38) concorda:

Pessoas moldadas pela cultura pós-moderna têm crescido céticas de princípios, regras e leis que são separadas em verdades que devem ser obedecidas ou seguidas [...]. O sentido pós-moderno de inserção do conhecimento humano e o caráter perspectivo de todo conhecimento significa que a compreensão está enraizada dentro de uma narrativa, uma história [...]. O desafio é o fato de que estamos à deriva em um mar de histórias pós-modernas concorrentes, as quais são percebidas como sendo socialmente construídas e relativas.

Em última análise, o dilema para a missão centra-se na alegação cristã acerca da universalidade da história de

Deus, o que é percebido como inválido pelo ethos pós-moderno. Narrativas ainda são válidas na concepção pós-moderna, mas são vistas apenas por sua utilidade local em vez de universal. Assim, os pós-modernos têm sido afetados pelo empobrecimento e perda de sentido de identidade na vida sem uma conexão maior ou abrangente da história. Além disso, esta crise de identidade potencial criada na condição pós-moderna pode levar ao ponto em que a experiência humana perde a sua finalidade. Na busca de identidade a igreja urbana pode ser um mestre contador de histórias.

A busca por identidade

Devido o fato dos seres humanos terem sido criados com curiosidade, complexidade e uma profunda necessidade de significados, o desejo pós-moderno em compreender as questões maiores da vida abriu o caminho para o uso da narrativa como um instrumento eficaz para atingir os pós-modernos. Isto ocorre porque a vida para eles é em si um drama ou uma narrativa. Uma das principais preocupações na mentalidade pós-moderna gira em torno do desenvolvimento de histórias que podem definir a identidade pessoal e dar propósito e forma à existência social dentro de uma determinada comunidade (ANDERSON, 1990, p. 107-108).

Escrevendo sobre a importância e poder das histórias em encontrar a própria identidade, Annette Simmons (2002, xvii) afirma: "Todo mundo tem um coração. Todo mundo, no fundo, quer se orgulhar de sua vida e sentir como eles são importantes — esta é a veia de poder e influência [de] contar histórias". Graham Johnston, por sua vez, afirma que "as histórias nos colocam em contato com as pessoas em um nível de humanidade compartilhada. Contar histórias pode prender a imaginação do ouvinte e ajudar as pessoas a identificar-se com uma ideia, de uma

forma que desencadeie importância e significado” (JOHNSTON, 2001, p. 155). Contar histórias também tem o poder de tocar o coração humano em seu nível mais pessoal, como Miller aponta:

Enquanto fatos são vistos a partir da lente de um microscópio, as histórias são vistas a partir da lente da alma. Histórias nos dirigem em cada nível. Eles falam para a mente, o corpo, as emoções, o espírito e a vontade. Em uma história uma pessoa pode identificar-se com situações que ele ou ela nunca estiveram. A imaginação do indivíduo está livre para sonhar, o que antes era inimaginável (MILLER, 2004, p. 33).

Além disso, a cognição humana está baseada no contar histórias, reconhecida como um dos instrumentos fundamentais do pensamento humano (SWEET, 2000, p. 124). Em seu estudo pioneiro sobre a influência de contar histórias, Anderson e Foley afirmam que as histórias têm o poder de envolver nossas mentes, especialmente porque a nossa própria existência está organizada em forma de narrativa. A experiência humana é estruturada no tempo e na narrativa. Nós compreendemos nossas vidas não como ações desconectadas ou eventos isolados, mas como termos de uma narrativa. Nós idealizamos nossa vida como uma teia de histórias — uma novela histórica ou uma minissérie no ar. Nós pensamos em histórias, a fim de tecer juntos em uma coerente sucessão interminável de pessoas, datas e fatos que enchem nossas vidas. O modo narrativo, mais do que qualquer outra forma de autorrelato, serve para fomentar o sentido de movimento e processo da vida individual e comunitária. Nesse sentido, a estrutura narrativa é uma necessidade humana. Histórias nos unem e nos mantêm separados. Contamos histórias a fim de viver (ANDERSON; FOLEY, 1998, p. 4).

Além disso, contar histórias é um importante instrumento para estabelecer significado e integrar o próprio passado e futuro com o que é observado no presente. Em outras palavras, contar histórias é uma forma primária de expressão humana de quem somos, de onde viemos e o que antecipamos em nossas vidas (MCADAMS, 1997, p. 27; ver ANDERSON; FOLEY, 1998, p. 5). Portanto, a busca humana por identidade requer inequivocamente, em maior ou menor grau, o desdobramento de nossas origens. Esta é uma das razões básicas para a importância de conhecer as histórias relacionadas com o nosso nascimento. Anderson e Foley (1998, p. 59) afirmam ainda que

As histórias de nosso nascimento são poderosas. Mesmo que cada indivíduo seja um agente em sua narrativa, desde o início, e mesmo que seja possível reformular a história de nossas origens, histórias sobre nosso nascimento moldam nossas expectativas próprias e do mundo (ANDERSON; FOLEY, 1998, p. 59).

No entanto, a busca humana final por identidade só pode ser encontrada em Deus, a fonte original da vida humana (Sl 139: 13-14). Henderson afirma, "A identidade é tecida em nós como seres criados. A questão não é de fazer a nossa identidade, mas descobri-la. Da mesma forma que um artista valoriza uma obra de arte, Deus tem prazer em nos valorizar. A identidade não pode ser encontrada fora daquele que nos criou" (HEMDERSON, 1998, p. 215). Neste contexto, existe uma ponte natural à proclamação do evangelho para a mente pós-moderna por meio de uma história narrativa. Na história de Deus sobre a vida e seu significado, os pós-modernos podem finalmente vir a compreender a si mesmos e o mundo ao seu redor em sua busca pela identidade pessoal e coletiva (GELDER, 2000b, p. 38).

A igreja urbana como mestre contador de histórias

Para se comunicar de forma eficaz com a condição pós-moderna, a igreja urbana deve ter a capacidade de pensar de forma criativa e de se adaptar sabiamente. Para este fim, uma crescente confiança em contar histórias pode ser uma maneira eficaz para encorajar decisões para Cristo entre os pós-modernos.

Apesar de sua rejeição às metanarrativas, os pós-modernos dão grande valor sobre o poder da história, histórias especialmente reais (ANDERSON; FOLEY, 1998, p. 3-19). Mercer (1995, p. 336) afirma que a mente pós-moderna reconhece que a identidade pessoal “é experimentada na história de vida desdobrando-se de momento em momento e cruzando a vida dos outros com a mudança de imagens e crenças”. Contar histórias produz experiências, e essas experiências de forma mais eficaz abordam as preocupações da vida humana, convidando os que compartilham essas experiências para um envolvimento real e ativo na história contada. Assim, experiência e contagem de histórias caminham lado a lado no desenvolvimento de confiança nos pós-modernos, que na maioria dos casos não vai ser simplesmente realizada através de abordagens mais tradicionais de comunicação. Simmons (2002, p. 3) reflete,

As pessoas não querem mais informações. Eles estão até os olhos de informações. Eles querem fé [...]. E a história é o seu caminho para o desenvolvimento da fé. Contar uma história significativa, significa inspirar seus ouvintes a chegar às mesmas conclusões que você alcançou e decidir por si mesmo acreditar no que você diz e fazer o que você quer que eles façam. As pessoas valorizam suas próprias conclusões mais do que a suas.

Elas só vão ter fé em uma história que realmente tenha acontecido com eles. Uma vez que as pessoas fazem a sua história, sua história, você tem aproveitado a poderosa força da fé.

Igrejas urbanas sensíveis ao pós-modernismo, portanto, devem proporcionar oportunidades em que as histórias individuais possam ser comparadas e transformadas pela história de Deus, ou seja, a narrativa das Escrituras. Isso pode acontecer quando a igreja ajuda os pós-modernos a entender o panorama das ações de Deus na história e como isso se interliga à sua própria história (HAHN; VERHAAGEN, 1998, p. 31; ver WEBBER, 2002, p. 50). Hahn e Verhaagen (1998, p. 28) acrescentam:

Um discípulo é alguém cuja trajetória mostra que ele está sendo preso em uma história maior que a sua e também como seu caráter está sendo moldado e transformado para refletir o caráter do narrador [...]. Um discípulo é convencido em seu coração que sua vida não é uma série de eventos desconexos, aleatórios, mas que ela é um jogador no maior drama de todos os tempos, o drama de um Deus apaixonado, mas rejeitado por sua amada. Este é um Deus que entra no espaço e no tempo em uma missão de resgate cósmico para capturar corações e vidas para um dia fazer novas todas as coisas.

Quando a história de Deus começar a desafiar as histórias pessoais e locais de pós-modernos, suas mentes serão tocadas em um lugar onde os fatos e as informações cognitivas rejeitadas anteriormente poderão agora ser recebidas e uma transformação poderá eventualmente ocorrer. Neste ponto, quando os pós-modernos identificarem o grande narrador (ver Mt 13:34) e alinharem a sua própria história com seus propósitos, só então a igreja deve desafiar o pressuposto dos pós-moderno de que metanarrativas são inválidas. Smith (2001, p. 189) argumenta:

A igreja deve desencorajar as pessoas, dentro e fora, de tratar a história de Deus como qualquer outra história. A história de Deus, segundo a crença cristã, é a grande narrativa em um momento em que nenhuma história é considerada superior e nenhuma grande narrativa deveria existir e é assim que deve ser apresentada.

Além disso, como Charles Taber (2002, p. 189) observa:

o evangelho do Reino de Deus é a única metanarrativa universal válida, a única que não é brutalmente homogeneizada e totalitária porque é a única baseada no amor sacrificial em vez do poder mundano. O único oferecido por um rei em uma cruz, o único oferecido por um leão conquistador que acaba de abater uma ovelha. Esta é a garantia de que não é totalitária. Pentecostes, se corretamente entendido, é também a garantia de que não é homogeneizada.

Finalmente, ao contar a história de Deus, a igreja urbana permitirá aos pós-modernos experimentar "sua utilidade e verdade, encontrada na história que transcende e se refere a todas as outras histórias" (SMITH, 2001, p. 190). No entanto, a igreja urbana vai encontrar pouco sucesso se ela contestar a rejeição pós-moderna das metanarrativas anteriores da experiência que a história de Deus pode criar na mente pós-moderna. Isso é mais apropriado para deixar a história de Deus ganhar credibilidade para si mesma, como o Espírito Santo trabalha para trazer o coração pós-moderno a sérias reflexões sobre a fé cristã. Miller (2004, p. 41) pergunta: "Podemos confiar nosso povo [candidatos a pós-modernos] e Espírito Santo, o suficiente para permitir-lhes a pensar por si mesmos? Podemos deixar algo em aberto sabendo que a conclusão pode não vir até o fim da tarde daquele dia, semana, mês ou ano?" Estas são questões sérias que as igrejas urbanas devem ser

capazes de responder se o foco de sua missão é de fato alcançar a mente pós-moderna para Cristo.

Resumo

A mudança de paradigma de moderno para pós-moderno traz um momento de incerteza e ao mesmo tempo repleto de desafios e oportunidades para a missão urbana. Por causa das forças motrizes da urbanização e da globalização, a condição pós-moderna nos convoca especialmente para uma reavaliação da estratégia e dos métodos da missão urbana que foram previamente desenvolvidos para atingir os indivíduos orientados pela visão de mundo moderno.

A transição de um mundo moderno para outro pós-moderno revela uma mudança a partir de uma cultura baseada na razão de uma cultural baseada na experiência; a partir de uma cultura baseada na produção para uma cultura baseada no consumo; a partir de uma cultura baseada na confiança no futuro para uma cultura baseada no pessimismo do presente (e ignorância do passado); a partir de uma cultura baseada em palavras para uma cultura baseada em bytes; e a partir de uma cultura baseada no local ou global para uma cultura baseada no glocal. Certamente, todos os deslocamentos acima têm implicações profundas para a missão da igreja urbana.

Por outro lado, a missão urbana para a condição pós-moderna pode ser baseada em certos princípios aplicáveis nas sociedades urbanas ocidentais. Na busca pós-moderna por pertencimento, a igreja urbana deveria ser a comunidade para pertencimento. Na busca pós-moderna por imagens, a igreja urbana deveria ser um lugar de experiências multissensoriais. Na busca pós-moderna por significado, a igreja urbana deveria ser um

lugar em que as raízes da fé cristã são apresentadas e compreendidas. Na busca pós-moderna por autenticidade, a igreja urbana deveria ser um lugar de verdadeiro serviço aos outros. Na busca pós-moderna por identidade, a igreja urbana deve narrar a grande história que acabará por transformar a mente pós-moderna.





pastor.adventistas.org/pt